



Texto 1

Unidade de Aprendizagem I

Percepções sobre a velhice¹

Sara Nigri Goldman, Vicente de Paula Faleiros, José Francisco Pinto de Almeida Oliveira, Celia Pereira Caldas, Ligia Py e Dalia Elena Romero Montilla

Olhe para si mesmo, para seus pais, seus avós, filhos, sobrinhos, vizinhos e amigos. Como você percebe os mais velhos?

Responda ao teste que se segue e veja como está sua percepção em relação às pessoas idosas.

Vale observar que os testes quantitativos são meras aproximações da realidade. Eles servem para tornar claros os estereótipos, que, muitas vezes, mascaramos e não reconhecemos. Por isso, responda às questões sem receio e analise os resultados sem juízo de valor.

Percepções em relação à pessoa idosa

Marque as afirmativas a seguir, segundo sua percepção em relação ao idoso. Quanto mais verdadeira for a afirmação, maior deve ser o número que você marcará na escala de 5 a 0. No final do teste, some os números marcados e coloque o resultado no quadrado indicado (em caso de dúvida, fale com seu tutor).

¹ Texto extraído e adaptado de:

GOLDMAN, Sara Nigri et al. Percepções sobre a velhice. In: BORGES, Ana Paula Abreu; COIMBRA, Ângela Maria Castilho (Org.). *Envelhecimento e saúde da pessoa idosa*. Rio de Janeiro: EAD/Ensp, 2008.

Em sua opinião, as pessoas idosas:

1	Dão muita importância à religião.	5	4	3	2	1	0
2	São mais inquietas que os jovens.	5	4	3	2	1	0
3	Vivem de suas lembranças.	5	4	3	2	1	0
4	São mais sensíveis que os outros.	5	4	3	2	1	0
5	Esperam que seus filhos se ocupem delas continuamente.	5	4	3	2	1	0
6	Repetem sempre as mesmas coisas.	5	4	3	2	1	0
7	São capazes de se adaptar a mudanças.	5	4	3	2	1	0
8	Têm uma saúde frágil.	5	4	3	2	1	0
9	Têm medo do futuro.	5	4	3	2	1	0
10	São ricas ou estão bem financeiramente.	5	4	3	2	1	0
11	Estão muito mais sujeitas a serem vítimas da criminalidade que o jovem.	5	4	3	2	1	0
12	A aposentadoria provoca nelas problemas de saúde e acelera o processo de morte.	5	4	3	2	1	0
13	Passam o tempo jogando cartas, damas, dominó ou bingo.	5	4	3	2	1	0
14	Preocupam-se pouco com a aparência.	5	4	3	2	1	0
15	Sofrem de solidão.	5	4	3	2	1	0
16	São teimosas e chatas.	5	4	3	2	1	0
17	Representam um peso econômico para as outras gerações.	5	4	3	2	1	0
18	Têm tendência a se intrometer nos assuntos alheios.	5	4	3	2	1	0
19	São menos capazes de aprender.	5	4	3	2	1	0
20	Não têm interesse ou capacidade para a vida sexual.	5	4	3	2	1	0

Fonte: Denise Dubé (2006).

Total:

Interpretação do resultado

Quanto mais elevado for o escore, mais elevada a adesão aos estereótipos negativos.

Entre 75 e 100, sua adesão aos estereótipos negativos é elevada.

Entre 50 e 75, você ainda tem tendência a ver a pessoa idosa de forma estereotipada.

Entre 25 e 50, você se mantém no limiar dos estereótipos.

De 0 a 25, sua percepção sobre a pessoa idosa é menos estereotipada.

Uma reflexão sobre o preconceito

O preconceito se caracteriza por atitudes habituais de rejeição para com determinados grupos sociais. É, pois, entendido como um comportamento de total inflexibilidade e rigidez de tratamento, afastado de qualquer sensatez ou análise racional.

Apesar de o preconceito atingir majoritariamente grupos étnicos, seu horizonte é mais vasto e verificado também em outros estratos sociais, como orientação sexual, gênero, religião, pessoas com deficiências e faixas etárias, entre outros. O caso de nosso estudo abarca os idosos e as fases avançadas do envelhecimento humano.

O preconceito consolida-se na discriminação, segregação; manifesta-se, sobretudo, como estereótipo, que, por sua vez, emerge por meio de convicções inflexíveis, de fundo severamente falso, porque não se adapta nem se harmoniza com a realidade concreta, mesmo que no menor grau.

Ao refletirmos, então, sobre os preconceitos que cercam o envelhecimento humano e são atribuídos aos idosos, observamos que seu conteúdo é entulhado de imagens que o preconceituoso carrega em sua mente, sem a menor e necessária correspondência com uma avaliação objetiva. Essas imagens constituem um conjunto de simplificações ou generalizações que, por sua vez, distorcem os verdadeiros atributos, no nosso caso, da velhice e servem tão somente a uma errônea economia do conhecimento.

O desaguadouro do preconceito, com todo o acervo das reduções rígidas e mentirosas que o compõe, é, portanto em larga parte, a marginalização do grupo ou mesmo a exclusão social.

Todavia, pode-se constatar e afirmar que o envelhecimento, como estágio da curva vital da caminhada humana, é um processo gradativo e, como tal, extremamente dinâmico, repelindo qualquer qualificação estática a seu respeito. É genuinamente rico e variado.

A pessoa humana nunca pode ser considerada velha em sentido acabado e definitivo. É, sim, alguém que envelhece. E sua curva existencial de amadurecimento, que vai pouco a pouco avançando, não significa jamais uma condenação psicobiológica, muito menos afetivo-espiritual.

Tampouco o idoso é um ser que experimenta o fim de sua própria história. Ao contrário, ele vai aprimorando a trajetória de depuração de si mesmo, e, nessa depuração, são decantadas suas riquezas.

Quem tem olhos para ver há de enxergar. Não se trata de simples questão de poesia afirmar que a cabeça envelhecida do idoso encerra um enorme pedaço de mundo e de história que se oferece à nossa visitação. A visão do idoso tem surpreendente alcance. Ele é capaz de realizar peripécias com o tempo, como trazer o passado até o presente e aí integrá-lo com grande perfeição, e fazer do futuro uma categoria sustentada pela esperança paciente, silenciosamente sábia, que não aponta só para transformações velozes e impetuosas, mas vivencia um formidável retorno para si mesmo e admirável conversão às origens de sua própria história.

Como, então, encerrar toda essa riqueza em limitadíssimos e estreitíssimos conceitos, os preconceitos? Preconceitos que germinam e ganham força em uma visão viciada do consumismo contemporâneo, que foca apenas uma “sociedade do espetáculo”, da aparência, da utilidade imediata, do lucro, da idolatria ao corpo, do antienvelhecimento, do mito da eterna juventude?

Não! O preconceituoso vê na velhice unicamente sinais de decadência, fragilidade, inatividade, inutilidade. A visão do preconceituoso não consegue alcançar nenhuma capacidade ou mérito no velho.

Isso nos leva a refletir que certamente não são os olhos do idoso que vão se tornando enevoados – algo que pode ser corrigido por meio de lentes –, mas sim os olhos do preconceituoso que se mantêm, de modo incurável, entorpecidos pela prática da segregação, arrogância e opressão.

O preconceito, enfim, é fundamentalmente arbitrário e gera práticas e atitudes também injustas e de forma radical distantes de qualquer princípio ético ou de decência.

As condições e contradições da velhice: o que é ser velho aqui e agora?

Leia com atenção a história de vida de Dona Joana.

Dona Joana é brasileira, mora em um bairro periférico, em casa adquirida com muito esforço. Tem 66 anos, é parda, viúva, trabalhadora autônoma (doceira) e tem ensino fundamental. O celular é seu instrumento de trabalho para atender clientes. Recebe pensão de um salário mínimo que mal dá para viver. Mora com o filho Tiago, de 24 anos, dependente químico e envolvido com o tráfico de drogas. Em casa, também “está de passagem”, como diz há dois anos, a filha

Telma, de 32 anos, mãe solteira de uma menina de sete anos chamada Carla. Telma trabalhava como caixa de banco, mas ficou desempregada quando cresceu o número de caixas eletrônicos. Dona Joana frequenta a igreja todos os domingos e lá encontra várias conhecidas de sua idade e outras mais idosas.

Para refletir

Busque, em sua família e ao seu redor, histórias parecidas com a de Dona Joana. Você pode procurar também entrevistas com idosos em jornais, revistas ou na internet.

A partir disso responda:

Os contextos e realidades do envelhecimento são idênticos? Seria correto dizer que o envelhecimento é uma realidade única para todos?

Envelhecimento, velhice e sua multidimensionalidade

No capítulo “Gestão por sujeito/idade”, do livro *Desafios do envelhecimento: vez, sentido e voz*, Faleiros e Rebouças (2006, p. 111-138) destacam as diferenças entre envelhecimento passivo e envelhecimento participativo. O envelhecimento passivo, segundo os autores, pode ser observado tanto biológica como socialmente e está centrado na falta ou na perda de adaptação ou capacidade.

O envelhecimento biológico foi pontuado como perda de capacidade de adaptação por Leme e Silva (2002), para quem “[...] a velhice carrega consigo uma queda geral [sic] da capacidade de adaptação”, seja pela incapacidade de aceitar ou administrar situações de mudanças, ou por catástrofes como mudanças de ambiente.

Assim, além de se olhar para a improdutividade, olha-se a velhice pelo ângulo da incapacidade ou inadaptação.

Do ponto de vista social, Sluzki considera que na velhice há uma desconstrução da rede social e do interesse em refazê-la:

[...] à medida que se envelhece, a rede pessoal social sofre mais perdas ao mesmo tempo que as oportunidades de substituição para estas perdas se reduzem drasticamente. Além disso, os esforços que se precisa despende para manter uma conduta social ativa são maiores, a dificuldade para se mobilizar e para se



Leia também:

Riqueza e miséria do trabalho no Brasil, organizado por Ricardo Antunes (2006).

Os livros *O desastre social*, de Laura Tavares (2003), e *O nó econômico*, de Reinaldo Gonçalves (2003), que podem ajudar você a refletir sobre as novas condições sociais do envelhecimento.

O último capítulo do livro *A política social do estado capitalista*, de Vicente de Paula Faleiros (2001), que trata do neoliberalismo.



Assista ao filme argentino *Conversando com mamãe*, que trata da relação “delicada” entre pais e filhos no momento atual do neoliberalismo, da globalização. Na história, quando um filho desempregado tenta fazer com que sua mãe lhe ceda o apartamento em que vive, acaba por descobrir quem é, de fato, sua mãe idosa. Disponível nas locadoras.



Para se aprofundar no tema da diversidade cultural, racial e de gênero, leia o texto “As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento”, de Alda Brito da Motta, disponível na biblioteca do curso.

Também vale a pena a leitura do texto “Envelhecimento do homem: de qual velhice estamos falando?”, de Ingrid Rochelle Rego Nogueira e Adriana de Oliveira Alcântara, disponível na biblioteca do curso. Esse trabalho aborda um tema ainda pouco explorado, dando foco às questões do processo de envelhecimento dos homens. É um assunto que vem despertando interesse acadêmico, mas a produção mais expressiva se encontra na área de saúde. O objetivo desse artigo é compreender as configurações acerca do envelhecimento masculino, como as relações de gênero influenciam na construção desse acontecimento e o impacto da aposentadoria na velhice masculina.

mover é maior, e a acuidade sensorial é reduzida, o que diminui as habilidades e, em longo prazo, o interesse em expandir a rede [...]. Com o desaparecimento de vínculos com pessoas da mesma geração, desaparece boa parte dos apoios da história pessoal [...]. Parte da experiência de depressão que parece se instalar em muitos velhos de maneira opressiva emana da solidão e da consequente perda de papéis (SLUZKI, 1997, p. 117-118).

Nesse sentido, a velhice traria uma tríplice perda: a do trabalho, a da saúde e a da rede social, devendo-se tratá-la como gestão das perdas, com compensações para uma pequena renda, um consolo para a falta de renda, medicamentos ou abrigo.

Em contraposição ao conceito de velhice como gestão de perdas, propomos que a velhice seja entendida como uma relação biopsicossocial que envolve as trajetórias individuais, familiares, sociais e culturais ao longo do tempo de vida, em um entrecruzamento de trabalho/não trabalho; reprodução/infertilidade; normas e papéis de utilidade/inutilidade, defasagem/sabedoria, de isolamento/integração, perdas e ganhos, de condições de exercício da autonomia/dependência, e de projetos pessoais.

Assim, a velhice não é uma categoria homogênea para todos e nem um processo de via única, situando-se nas transições contraditórias das mudanças demográfica, social, cultural e epidemiológica de cada povo.

É sempre adequado que não se refira ao contingente idoso como um bloco monolítico, só levando em consideração o fator etário e geracional. Os idosos são indivíduos com trajetórias diferentes no que concerne ao local de origem, ao padrão familiar, à cultura, ao nível de instrução, às concepções de mundo, à religião, à trajetória no mundo do trabalho, dentre outros componentes das histórias de vida individuais e coletivas. Por isso, também é importante tratar das questões raciais e de gênero, para se pensar em políticas que levem em conta as diversidades e singularidades.

A seguir apresentamos o conceito de velhice em três diferentes pontos de vista.

Quadro 1 – Conceito de velhice

Sara Goldman (2003, p. 71) no livro <i>Universidade da terceira idade: uma lição de cidadania</i>	Guita Debert (2000) no texto “Três questões sobre a terceira idade”	Simone de Beauvoir (1999, p. 8) em seu livro <i>A velhice</i>
“O envelhecimento como um processo complexo que ocorre em cada pessoa, individualmente, mas condicionado a fatores sociais, culturais e históricos, que vão rebater na sociedade como um todo, envolvendo os idosos e as várias gerações. Por seu caráter multifacetado, o envelhecimento abarca múltiplas abordagens: físicas, emocionais, psicológicas, sociais, econômicas, políticas, ideológicas, culturais, históricas, dentre outras. A conjuntura marca as diversas formas de viver e de conhecer o envelhecimento, assim como as determinações culturais tomam formas diferenciadas no tempo e no espaço. Outro diferencial se refere à posição de classe social que os indivíduos ocupam.”	“A chamada terceira idade e os movimentos que se organizam em torno dela indicam mudanças radicais no envelhecimento, que deixa de ser compreendido como decadência física, perda de papéis sociais e retraimento. O número de programas para a terceira idade no país – como os grupos de convivência, as escolas abertas e as universidades – cresceu de maneira impressionante. Neles, as etapas mais avançadas da vida são consideradas momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras épocas e de estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. Encorajando a busca da autoexpressão e a exploração de identidades de um modo que era exclusivo da juventude, esse movimento está abrindo espaços para que a experiência de envelhecimento possa ser vivida de maneira inovadora. Contudo, o nosso entusiasmo com a terceira idade e o sucesso desse movimento não podem impedir o reconhecimento da precariedade dos mecanismos de que a sociedade brasileira dispõe para lidar com a velhice avançada, com as situações de abandono e de dependência, com a perda das habilidades cognitivas, físicas e emocionais que acompanham o avanço da idade.”	“Para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar [...]. Com relação às pessoas idosas, essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa. Abrigada por trás dos mitos da expansão e da abundância, trata os velhos como párias.”

Para refletir

Leia e reflita sobre o poema “A vida”, de Mario Quintana (1977), cujos versos iniciais apresentamos a seguir. Você pode acessar esse poema na íntegra, no endereço <http://eternosdiasfelizes.files.wordpress.com/2010/10/a-vida-sao-deveres-que-nos-trouxemos-quando-se-ve-ja-sao-seis-horas-mario-quintana.jpg?w=500&h=750> ou no livro *Poesias* (QUINTANA, 1977).

A vida

Mario Quintana

A vida são deveres que nós trouxemos
 pra fazer em casa
 Quando se vê já são seis horas!
 Quando se vê, já terminou o ano
 Quando se vê, passaram-se 50 anos!
 [...]

Fonte: Mario Quintana (1997).

Referências

ANTUNES, Ricardo (Org.). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRASIL. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 3 out. 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Envelhecimento e saúde da pessoa idosa*. Brasília, DF, 2006. p. 171. (Caderno de Atenção Básica, 19).

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Saúde. *Benefício de prestação continuada*. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/beneficiosassistenciais/bpc>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

CERQUEIRA FILHO, G. A ideologia do favor & a ignorância simbólica da lei. *Perspectiva*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 9-38, 1991.

DEBERT, Guita. A invenção da terceira idade e rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 34, jun. 1997.

DEBERT, Guita. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.com/eLibris/socespetaculo.html>>. Acesso em: maio 2003.

DEBERT, Guita. Três questões sobre a terceira idade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 3, 28 ago. 2000. Disponível em: <<http://www.deidade.com.br/entrevistas.html>>. Acesso em: 24 abr. 2007.

DUBÉ, Denise. *Humaniser la vieillesse*. Quebec: Editions MultiMondes, 2006.

FALEIROS, V. P. Os conselhos do idoso: controle social e democracia participativa. In: FALEIROS, V. P.; LOUREIRO, A. M. L. (Org.). *Desafios do envelhecimento: vez, sentido e voz*. Brasília, DF: Universa, 2006.v. 1, p. 87-110.

FALEIROS, V. P. *A política social do estado capitalista*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FALEIROS, V. P.; REBOUÇAS, M. Gestão social por sujeito/idade na velhice. In: FALEIROS, V. P.; LOUREIRO, A. M. L. (Org.). *Desafios do envelhecimento: vez, sentido e voz*. Brasília, DF: Universa, 2006. v. 1, p. 111-138.

GARCIA MARQUEZ, Gabriel. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record, 1970.

GARCIA MARQUEZ, Gabriel. *Memória de mis putas tristes*. Buenos Aires: Sudamericana, 2004.

GOLDMAN, Sara. *Universidade para terceira idade: uma lição de cidadania*. [S.l.]: Elogica, 2003. p. 71.

HADDAD, E. G. M. *O direito à velhice: os aposentados e a previdência social*. São Paulo: Cortez, 1993.

IBGE. *Projeção da população do Brasil por idade e sexo, 1980–2050: revisão 2008*. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/projecao.pdf>. Acesso em: 2 maio 2014.

LEME, L. E. G.; SILVA, P. S. C. P. O idoso e a família. In: PAPALEO NETTO, M. *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 2002. p. 92-97.

OLIVEIRA, J. F. P. A espiritualidade e o corpo. In: SANTOS, F. S. (Org.). *A arte de cuidar: saúde, espiritualidade e educação*. Bragança Paulista: Comenius, 2010. p. 91-107.

OLIVEIRA, J. F. P. *Marcas do tempo: envelhecimento: a família e sua trajetória entre valores e gerações*. Rio de Janeiro: UFRJ: Programa Eicos/Cátedra Unesco de Desenvolvimento Durável, 2003/2004. (Série Documenta UFRJ, v.1, n. 1).

OLIVEIRA, J. F. P. Solidão. In: PACHECO, J. et al. (Org.). *Tempo: rio que arrebatava*. Holambra: set., 2005. p. 219-226.

QUINTANA, Mário. *Poesias*. Porto Alegre: Globo, 1977.

SLUZKI, C. E. *A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

UNFPA. Relatório sobre a situação da população mundial, 2011. New York, 2011. Disponível em: <<http://www.un.org/files/PT-SWOP11-WEB.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. *World population prospects: the 2010 revision*. New York, 2010. Disponível em: <<http://data.un.org/Data.aspx?d=PopDiv&f=variableID%3A65>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. *World population prospects: the 2012 revision*. New York, 2013. Disponível em: <<http://esa.un.org/wpp/documentation/publications.htm>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; GOMES, Marília Miranda Forte. Transição demográfica: a experiência brasileira. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, DF, v. 21, n. 4, p. 539-548, 2012.